

# QUEM TEM DOR, TEM PRESSA: A INFLUÊNCIA DA MÍDIA SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO FRENTE A UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA

THOSE IN PAIN IS IN A HURRY: THE MEDIA INFLUENCE ON SELF-MEDICATION IN THE FRONT OF A NARRATIVE LITERATURE REVIEW

Jose Hamilton Souza da Silva<sup>1</sup>, Micherllyayne Alves Ferreira Lins<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Integração do Sertão – FIS, Serra Talhada-PE, Brasil.

## Resumo

A automedicação é definida como uso de medicamentos sem prescrição médica usados para tratar sintomas ou pequenos problemas de saúde. A mídia tem contribuído muito para o processo de automedicação, e na maioria das vezes para sanar alguma dor. O estudo teve como objetivo analisar as possíveis consequências causadas pela prática irracional de medicamentos. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com publicações das bases de dados: revistas do Conselho Federal de Farmácia, Revista Brasileira de Farmácia e Ministério da Saúde, Medical Literature Analysis and Retrieval Sistem on-line, Scielo por meio dos descritores: Automedicação e mídia, Automedicação e Riscos, Automedicação e Papel do farmacêutico, compreendendo ao período de 2014 a 2019 em português e ou inglês. Na literatura foi possível identificar que os Medicamentos Isentos de Prescrição, apesar de não necessitar da prescrição, não os isenta de possíveis consequências. As propagandas de medicamentos produzidas pela mídia é outro ponto a ser questionado, pois embora exista legislação para produção dessas práticas, é necessário que haja um maior controle, já que a mídia comercializa não só o medicamento, como a propaganda, deixando de lado as possíveis causas que o consumo sem orientação pode acarretar. É preciso compreender a dimensão do problema e dialogar sobre como essa informação deve ser perpassada e de como esses profissionais de modo principal o farmacêutico pela temática apresentada, podem contribuir para a redução desse fenômeno e consequentemente promover a educação em saúde.

**Palavras-chave:** Automedicação. Assistência Farmacêutica. Mídia audiovisual.

## Abstract

Self-medication is defined as the use of nonprescription medications used to treat symptoms or minor health problems. The media has contributed a lot to the self-medication process, and most of the time to remedy some pain. The study aimed to analyze the possible consequences caused by the irrational practice of medicines. This is a narrative review of the literature, with publications from the databases: journals of the Federal Pharmacy Council, Brazilian Journal of Pharmacy and Ministry of Health, Medical Literature Analysis and Retrieval Sistem online, Scielo through the keywords: Self-medication and pharmacist's media, Self-Medication and Risks, Self-Medication and Paper, covering the period from 2014 to 2019 in Portuguese and or English. In the literature it was possible to identify that Prescription Free Drugs, although not requiring prescription, do not exempt them from possible consequences. Drug advertising produced by the media is another point to be questioned, because although there is legislation to produce these practices, there is a need for greater control, since the media sells not only the drug, but advertising, leaving aside the possible causes that unguided consumption can lead to. It is necessary to understand the dimension of the problem and to talk about how this information should be passed on and how these professionals, mainly the pharmacist by the presented theme, can contribute to the reduction of this phenomenon and consequently promote health education.

**Keywords:** Self-medication. Pharmaceutical care. Audiovisual media.

## Introdução

A automedicação é definida como uso de medicamentos sem prescrição médica usados para tratar sintomas ou pequenos problemas de saúde. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) traz a definição de automedicação responsável, destacando-a como o uso de medicamentos aprovados para a comercialização sem haver a necessidade de prescrição médica, pois os mesmos quando usados de modo racional apresenta o resultado esperado no tratamento, mas esse não é o resultado produzido pela sociedade (SOTERIO, SANTOS, 2016).

O ato de se automedicar é um fenômeno potencialmente prejudicial à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo a saúde. Nesse processo de automedicação é possível incluir a prescrição ou indicação de pessoas não habilitadas, como familiares, amigos e até mesmo balconista de farmácia (TAVARES, 2017).

Sendo uma prática antiga que ocorre em diversos países, caracterizada como uma questão de saúde pública, é um tema muito discutido em inúmeros estudos, e por ser tão comum é necessário dar a devida importância esse problema. Resultados como intoxicações, ocultação de uma doença, ou agravamento de um quadro clínico, são consequências da problemática apresentada. Em uma pesquisa realizada pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico – Farmacológicas (SINITOX), exibida no site G1 (2016), mostrou que o brasileiro não tem a devida precaução quando se trata de automedicação, grande parte das pessoas faz uso de analgésicos, e anti-inflamatórios, para alívio de dores, nesse grupo as mulheres apresentaram maior percentual no consumo de medicamentos.

De acordo com Pachelli (2003), alguns fatores são determinantes no processo de se automedicar, como: o livre acesso ao mercado farmacêutico e a escassez do serviço público, principalmente nas áreas mais carentes. Contudo, Dultra, Souza e Peixoto (2015) afirmam que a evolução dos meios de comunicação contribuiu significativamente no acesso a informação, sendo uma fonte que cria dita e influencia o consumidor a fazer uso do que está sendo ofertado, desenvolvendo dessa maneira um comportamento social resultante da cultura imposta, pelos meios de comunicações de massa.

Soterio e Santos (2016), destacam a importância do farmacêutico na etapa de orientação à população, por serem profissionais especializados para atuar em diversas áreas como: hospitais, laboratórios de análises clínicas nas farmácias e drogarias atuando como responsáveis pela dispensação segura.

Tavares (2017, p.3) “aponta o farmacêutico como o profissional legal, ética e academicamente capacitado para orientar o usuário do medicamento acerca do produto que está adquirindo”. Desde modo, esse profissional por ser de fácil acesso pode contribuir de modo significativo para redução desse problema.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as possíveis consequências causadas pela prática irracional de medicamentos, trazendo a mídia como um fator influenciador nesse processo, e o farmacêutico como importante agente no que se refere à automedicação consciente. Tendo em vista, que uso racional é mais benéfico e promove não só o bem estar, como também, qualidade de vida, visto que, não acarretará em um problema de saúde futuro, causados pelos maus hábitos de se permitir, se auto avaliar ou deixar quem outrem sem a devida habilitação da profissão faça isso.

O uso indiscriminado de medicamentos seja: analgésicos, anti-inflamatórios, antibióticos, controlados ou produtos naturais, é considerando um problema de saúde Pública no Brasil. Tendo em vista, que pesquisas apontam sobre a importância do uso consciente e adequado de medicamentos, devido aos riscos que os mesmos podem provocar no usuário. É importante relevar que esse processo apresenta muitas variáveis, e que as propagandas midiáticas exercem um importante papel no quesito “informação”, pois levam ao telespectador (consumidor) uma importante informação sobre o produto apresentado.

Partido dessas considerações, esse estudo se fez necessário, pois é importante que a sociedade tenha consciência de que nem sempre o que traz alívio imediato é produtor de saúde, de que é preciso tomar conhecimento dos sinais produzidos pelo nosso corpo e do que realmente

é essencial.

Outro fator importante, que deve ser enfatizado, é que para se obter resultados positivos sobre esse aspecto social, é preciso promover educação para saúde, cuja finalidade é fornecer informações sobre os riscos de se automedicar propiciando a população uma maior conscientização sobre o uso correto de medicamentos.

É esperado com esse estudo, que os profissionais de saúde, e primordialmente o farmacêutico, compreendam a sua importância nesse processo de educação em saúde, pois estes devem ter uma visão mais ampla sobre as possíveis causas que a automedicação pode causar na vida dos pacientes. Compreendendo a orientação e informação como base para sensibilizar as pessoas que buscam os serviços de saúde e aqueles que buscam uma solução mais rápida, como irem à farmácia.

## Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão narrativa da literatura. Para Atallah e Castro (2005) esse tipo de revisão constituem publicações amplas apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento de um determinado assunto, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revistas impressas e ou eletrônicas, na interpretação e análise crítica pessoal do autor. Essa categoria de artigos tem papel fundamental para a educação continuada, pois permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo.

Para coleta de material, foi utilizado dissertações e artigos científicos pesquisados nas bases de dados: revistas do Conselho Federal de Farmácia, Revista Brasileira de Farmácia e Ministério da Saúde, Medical Literature Analysis and Retrieval System on-line, Scielo por meio dos descritores: Automedicação e mídia, Automedicação e Riscos, Automedicação e Papel do farmacêutico, compreendendo ao período de 2014 a 2019 em português e ou inglês.

Para organizar a coleta os dados foram utilizados: ano, tipo de estudo, periódico, título e objetivo, descrevendo logo em seguida os resultados em conformidade às discussões. Foram excluídas as publicações do tipo editoriais, cartas ao leitor, monografias e afins. Em relação à interpretação e apresentação dos resultados, após a exposição dos resultados encontrados, foi realizada a comparação com o conhecimento teórico e a identificação de conclusões e implicações resultantes da revisão narrativa.

Um total de 10 artigos relacionados aos descritores, dentre estes pelo período específico foram selecionadas. Os títulos e os resumos de todas as publicações identificadas na busca eletrônica foram revisados. Quando possível, os estudos que pareceram preencher os critérios para sua inclusão foram obtidos integralmente.

## Resultados E Discussões

Considerando ser uma revisão narrativa da literatura, esta pesquisa limita-se em destacar a importância da orientação farmacêutica frente aos inúmeros problemas que são causados pela automedicação, contribuindo com melhores práticas profissionais relacionadas ao tema.

### AUTOMEDICAÇÃO E RISCOS

A organização Mundial de Saúde (OMS) compreende a automedicação como uma prática a qual os indivíduos fazem o uso de algum medicamento para tratar um sintoma físico, que aparentemente não apresenta gravidade (1998). Sendo compreendida também como uso de medicamentos sem a prescrição ou acompanhamento de um médico (ANVISA).

Silva et al. (2017), em seu trabalho "O papel do farmacêutico no controle da automedicação em idoso" traz as diferentes estratégias com finalidades terapêuticas como uma forma de automedicação, por exemplo: o uso de remédios caseiros, ervas medicinais, e o uso de prescrições antigas. A automedicação se inclui segundo a OMS como uma forma de autocuidado, ou seja, àquele que tem uma maior atenção com a saúde.

Naves et al (2010), define a automedicação como uma prática que pode causar agravamento ou cura em um caso clínico, pois esta pode tanto contribuir para cura ou manutenção da mesma. Em contrapartida o medicamento em si tem uma definição que não condiz com o ato de se automedicar.

Fatores econômicos, políticos e culturais são identificados como condições que podem contribuir para o aumento significativo da automedicação, também a disponibilidade dos produtos no mercado pode gerar uma maior familiaridade do usuário leigo com os medicamentos (PEREIRA et al, 2008).

Klock et al., (2013), afirma que a automedicação pode acontecer independente da classe social e do nível cultural da população, mas, que é possível diminuir essa prática com o incentivo da relação entre profissional e paciente.

O uso de medicamentos sem prescrição e o grande fluxo de farmácias e drogarias, fazem com que o índice de automedicação aumente e em consequência disso um maior número de danos causados pelo uso irracional.

Famílias que acumulam medicamentos em suas residências acabam favorecendo essa prática, além disso, é importante ter um cuidado maior, pois incidências na ingestão acidental de medicamentos podem ocorrer, a falta de atenção com esses medicamentos podem afetar a eficiência e segurança deles (PEREIRA et al, 2008).

Outro fator listado na literatura que contribui para a automedicação está relacionado à dificuldade do acesso aos serviços de saúde, dentro desse contexto insatisfatório, a farmácia se torna o lugar mais acessível que o posto médico e as indicações de amigos e familiares são importantes na hora de fazer uso de algum medicamento (NAVES, 2010).

Arrais et al (2016), em seu trabalho sobre A Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados, afirma que o maior acesso da população aos serviços de saúde pode diminuir a prática de automedicação. Observou-se também nesse estudo a prevalência do uso de inadequado de antibióticos em tratamentos de tosse e viroses.

Naves et al., (2010) traz em seu trabalho "Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas emoções", relatos que apontam o sistema de saúde como uma das causas da automedicação, pelo acesso restrito, má qualidade no atendimento, um atendimento que se restringe em ouvir sintomas e prescrever medicamentos. A farmácia em contraponto representa um local de fácil acesso, e somado a demora e insatisfação no atendimento da rede pública de saúde, se torna uma opção sem barreira.

O uso inadequado de medicamentos sejam eles, antibióticos, analgésicos entre outros é visto de forma alarmante e preocupante. Essa prática pode acentuar os riscos que estão ligados aos medicamentos prescritos, mascarando doenças, causando intoxicações, e aumentando os riscos de interações medicamentosas (SILVA et al, 2017).

A intoxicação pode estar mais relacionada ao uso inadequado de substâncias químicas, do que com a atividade farmacológica do fármaco. Outro problema causado por esta prática se refere à baixa resolutividade dos tratamentos, e a necessidade de novos tratamentos, por vezes mais complexos (PEREIRA et al, 2008; MALTA et al., 2014).

Na literatura é possível reconhecer que a automedicação é uma prática preocupante e que seu uso, riscos e consequências, estão explícitas de forma direta, produzindo nas pesquisas sobre o mesmo um pensamento em comum sobre os agravamentos de doenças e riscos podem acarretar na vida das pessoas.

Silva et al (2017) em seu estudo sobre ao "O papel do farmacêutico no controle da automedicação em Idosos", aponta os analgésicos, antipiréticos como fármacos que estão entre os mais consumidos sem prescrição médica. Esse elevado uso de analgésico também foi abordado em Arrais et al., (2016), em seu estudo "os fármacos mais consumidos foram a Dipirona, a associação em dose fixa de dipirona, orfenadrina e cafeína, e o paracetamol (p.85)".

Alguns estudos mostram a importância de utilizar esse fármaco com cautela, pois grande porcentagem da população é hipertensa e grande parte possui problemas cardíacos, dessa forma, tendo esse medicamento tem função analgésica e antipirética e antiinflamatória e

dependendo da dose pode ser altamente tóxica, dependendo da dosagem empregada pode ocorrer retenção de sódio e o aumento da água, ocasionando assim no aumento dos níveis da pressão (SILVA et al 2017; SOTERIO; SANTOS, 2016).

A maioria dos medicamentos consumidos é isento de prescrição, os chamados (MIP), ou seja, aqueles cuja dispensação não requer autorização, receita expedida. Porém, esses medicamentos não estão livres de risco, merecendo assim, uma maior atenção por parte dos gestores e profissionais de saúde (ARRAIS, 2016; TAVARES, 2017).

## MÍDIA E SUA INFLUÊNCIA NA AUTOMEDICAÇÃO

Embora automedicação seja uma prática considerada comum, Arrais et al., (2016), aponta essa cultura como fenômeno preocupante, ao mesmo tempo em que ela apresenta pontos positivos, desencadeia também uma preocupação em relação as consequências do uso abusivo.

Naves et al (2010) em seu trabalho sobre "Automedicação: uma abordagem qualitativa das emoções" fazem uma ressalva sobre o uso do medicamento, afirmando que no contexto de um sistema de saúde muitas vezes insatisfatório, não são percebidos os aspectos contextuais das enfermidades ou seus determinantes e os medicamentos assumem um papel central como ferramenta de resolução do problema. É possível compreender aqui que o medicamento é visto como a solução dos problemas de saúde e exerce um papel fundamental nas expectativas dos que sentem necessitados em fazer uso de alguma medicação.

De acordo com Naves et al., (2010), no Brasil o setor privado é a principal rede de fornecimento de medicamentos, estando o fornecimento desses produtos nas mãos de leigos atendentes e proprietários. E nesse caso se faz necessário pensar sobre os pontos positivos e negativos desse uso, já que em muitos casos os usuários fazem uso de medicamentos sem a prescrição e orientação correta do seu uso.

A automedicação é uma prática que segundo a literatura estão ligados a hábitos culturais da própria sociedade, e seu uso é mais prevalente nas mulheres. Rabello e Camargo (2012) em seu trabalho sobre "Propagandas de Medicamentos" acrescentam a esta pesquisa conhecimentos sobre o valor simbólico do medicamento e sobre a capacidade de persuasão das propagandas em relação ao consumo destes.

Na visão de Rabello e Camargo et al, (2012), não quer adquirir apenas o produto, mas também todo o contexto, mensagens, tudo aquilo que é projetado, pela mídia, e que é visto como um desejo ideal a ser realizado. Mastroianni et al (2008) trazido por Rabello e Camargo (2012), conclui em seu trabalho, que as propagandas de medicamentos como psicoativos, geram uma sensação de que os mesmo servem para tratar desconfortos cotidianos e que podem proporcionar momentos de conforto e lazer.

Esse apelo usado nas propagandas reflete na vida do consumidor que em muitos casos deseja vivenciar o que está sendo produzido, e, por conseguinte, faz uso de medicamentos com o objetivo não apenas de tratar o sintoma, mas também de produzir o que foi projetado.

Naves et al., (2010), traz em seu trabalho, uma constatação interessante, o medicamento tem ocupado um importante papel, o de solução para os problemas de saúde e ligeira impressão de que toda enfermidade necessita do uso da medicação.

Os medicamentos foram transformados pela lógica do mercado e pela concepção reducionista de saúde e doença em instrumento central das práticas de saúde e essências para o seu exercício ( NAVES et al, 2010, p.1756).

Esse papel aplicado aos medicamentos pela mídia contribui para transformação da saúde em mercadoria, sendo um dependente do outro.

A informação sobre os fármacos, seus efeitos, suas finalidades, poderia tornar a sociedade mais consciente sobre essa prática.

Rabello e Camargo (2012), em seu trabalho fazem referência ao "valor simbólico do medicamento" o qual aliado ao poder das propagandas, que apenas levam ao conhecimento do leitor os benefícios, oferece ao consumidor a solução imediata de seu sofrimento.

A partir desse pensamento exposto é possível, concluir que as propagandas publicitárias

podem incluir o consumidor em algumas ideias como: a possibilidade de “consumir saúde imediata através do medicamento” (Idem, p.365). E mesmo que no Brasil haja a regulamentação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) para esses tipos de propagandas, não existe regulamentação nem orientação para aqueles que fazem uso.

## PAPEL DO FARMACÊUTICO FRENTE À AUTOMEDICAÇÃO

O farmacêutico é um profissional que já passou por inúmeras mudanças no modelo de sua prática, mais se configura por via de regra, como o profissional que tem um contato mais próximo e de fácil acesso ao paciente. Mas, com o desenvolvimento da indústria farmacêutica, o distanciamento pela classe médica e a diversificação do campo de atuação, levou esse profissional a se afastar dessa classe medicamentosa (SILVA et al, 2017).

Soterio e Santos (2016) identificam o farmacêutico como elemento fundamental na etapa de orientação a população sobre o uso correto de medicamentos, pois são profissionais especializados para atuar em diversas áreas, sendo que nas farmácias são atribuídas a eles a responsabilidade de orientação e dispensação.

Pereira et al., (2008) traz esse profissional como grande facilitador no processo de educação em saúde, e classifica esse elemento como um importante instrumento no âmbito da assistência. A educação em saúde consiste na prática de informar, motivar e ajudar a população a adotar um estilo de vida mais saudável, porém o fato de ter acesso a assistência médica e o orientação correta sobre o uso dos medicamentos, não implica de forma direta em melhores qualidades de vida ou de saúde, esse é um processo que implica não apenas no trabalho dos profissionais mais no comprometimento por parte do paciente.

Segundo Tavares (2017), A organização Mundial de Saúde, constatou que mais da metade de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou utilizados de forma inapropriada (p.7). Diante dessa problemática se torna importante intensificar as políticas e estratégias voltadas para promoção, prevenção e recuperação da saúde. Contribuindo assim para redução números de casos de intoxicação e internações hospitalares.

A atenção farmacêutica é uma estratégia que visa o uso racional de medicamentos, por intermédio do profissional, que por sua vez, recebe o paciente e o orienta porém essa não é uma prática exclusiva desse profissional, mas o seu amplo conhecimentos sobre os fármacos e sua atuação na dispensação o torna mais próximo do paciente, permitindo a ele essa oportunidade de atuar a favor do uso racional. O que deve ser bem estruturado nesse processo é o limite de atuação, portanto, em situações que se julgar necessário, o farmacêutico sempre deve orientar o paciente a buscar orientação médica adequada e conscientizar o paciente sobre essa necessidade (TAVARES, 2017).

A partir dos pontos destacado é possível compreender a atuação do farmacêutico como um importante promotor no que se refere ao uso racional de medicamento, pois sendo ele um profissional de fácil acesso o que permite um maior contato com o paciente o mesmo pode favorecer a diminuir os danos causados por esse problema.

## Conclusão

Esta revisão contribui para uma compreensão dos principais fatores que influenciam no processo de automedicação e da significativa atuação dos profissionais de saúde no trabalho em rede, a fim de reduzir as inúmeras incidências apontadas no decorrer do trabalho.

A automedicação é um problema de saúde pública que implica em muitas consequências, como: a intoxicação pelo uso exacerbado de medicação sem a devida orientação, a dependência de fármacos, e a possibilidade de mascarar uma doença, ou até mesmo levando ao agravamento de uma enfermidade, causas de maior relevância.

Diante dessa problemática é preciso compreender que esse assunto envolve a participação mais intensa dos profissionais de saúde. O farmacêutico nesse cenário é considerado de suma importância, pois este tem uma relação mais íntima com o paciente e é considerado um profissional de fácil acesso.

Contudo, além da dispensação e orientação farmacêutica, a rede de saúde pública também deve contribuir com um atendimento de mais qualidade, cabendo ao médico também dar uma maior atenção a demanda ali apresentada.

Na literatura foi possível identificar que os MIPS, são medicamentos que não precisam de prescrição, porém este fato não os isenta de possíveis consequências.

As propagandas de medicamentos produzidas pela mídia é outro ponto a ser questionado por que embora exista legislação para produção dessas práticas, é necessário que haja um maior controle, pois a mídia comercializa não só o medicamento, toda a encenação está ligada apenas a benefícios que o medicamento pode trazer, deixando de lado as possíveis causas que o consumo sem orientação pode acarretar.

Por fim, é preciso compreender a dimensão do problema e dialogar sobre como essa informação deve ser perpassada e de como esses profissionais de modo principal o farmacêutico pela temática apresentada, podem contribuir para a redução desse fenômeno e consequentemente promover a educação em saúde.

## Referências

ARRAIS, Paulo Sérgio Dourado et al. Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 50, p. 13s-13s, 2016.

ASCARI, ROSANA AMORA et al. Estratégia saúde da família: automedicação entre os usuários. **Revista Uningá Review**, v. 18, n. 2, 2014.

ATALLAH NA, CASTRO AA. Revisão sistemática da literatura e metanálise: a melhor forma de evidência para tomada de decisão em saúde e a maneira mais rápida de atualização terapêutica [Internet]. Disponível em: <http://www.epm.br/cochrane>

DUTRA, J. R., da Fonseca Souza, S. M., & Peixoto, M. C. A influência dos padrões de beleza veiculados pela mídia, como fator decisório na automedicação com moderadores de apetite por mulheres no município de MIRACEMA-RJ. **Revista Transformar**, (7), 194-213. 2015.

KLOCK, Luana Cristina, et al. Automedicação e o Papel do Farmacêutico. **Rev. Salão do Conhecimento**. Rio Grande do Sul. 2013.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Prevalência de fatores de risco e proteção para doenças crônicas não transmissíveis em adultos: estudo transversal, Brasil 2012. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v. 23, n. 4, p. 609-622, dez. 2014.

NAVES, Janeth de Oliveira Silva et al. Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 1751-1762, 2010.

PEREIRA, Januaria Ramos, et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. Joinville: Univille, 2008, 20.

RABELLO, Elaine Teixeira; CAMARGO JÚNIOR, Kenneth Rochel de. Propagandas de medicamentos: a saúde como produto de consumo. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 16, p. 557-567, 2012.

SILVA, Bruno Tavares de França et al. O papel do farmacêutico no controle da automedicação em idosos. **Boletim Informativo Geum**, v. 8, n. 3, p. 18, 2017.

SOTERIO, Karine Azeredo; DOS SANTOS, Marlise Araújo. A automedicação no Brasil e a importância do farmacêutico na orientação do uso racional de medicamentos de venda livre: uma revisão. **Revista da Graduação**, v. 9, n. 2, 2016.

TAVARES, Aline Casais. Contribuição do Farmacêutico para Automedicação Responsável. **Rev.Especialize On-line IPOG**. Goiânia, Ano 8, Edição n. 14 Vol. 01, 2017.

Recebido em: 04/05/2020

Aprovado em: 01/06/2020